

# A pró-atividade de Francisco Santos

Liângela Xavier<sup>1</sup>

Mestre em Comunicação pela PUCRS e Professora dos cursos de Cinema e Audiovisual e Cinema de Animação da UFPel

**Resumo:** No início do século XX, a cidade de Pelotas acolheu Francisco Santos, um jovem e inquieto artista português. Além de dirigir e atuar em companhias teatrais, Santos concebia, produzia, dirigia, atuava e montava filmes. Além disso, foi um homem empreendedor, investindo na construção de um teatro próprio – o Guarany –, em uma fábrica de filmes e mais tarde no mercado tipográfico. O artigo apresenta os feitos deste artista destacando seus variados talentos e seu perfil pró-ativo enquanto produtor de cultura.

**Palavras-chave:** cinema, pró-atividade, Francisco Santos, produção, Pelotas.

## INTRODUÇÃO

Este texto se propõe a analisar o perfil pró-ativo do cineasta português Francisco Santos, produtor e ator teatral e autor de diversas obras cinematográficas produzidas e filmadas em Pelotas no início do século XX. Por pró-atividade considera-se “a iniciativa criativa, planejada e dinâmica para a realização cinematográfica, além da atitude de antecipar e driblar os percalços que sempre aparecem durante a execução”. (LANGIE, 2011, p.163). Santos roteirizava, produzia, dirigia, atuava, montava e exibia seus filmes.

## A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE SANTOS

Ainda jovem Francisco Santos iniciou sua vida profissional trabalhando de auxiliar de fotógrafo, e em seguida veio a se tornar fotógrafo na cidade do Porto, em Portugal. Depois, trabalhou na redação do jornal de um tio, o que lhe permitiu entrar em contato com a vida cultural das cidades. Não se sabe exatamente como e quando, mas Santos tornou-se ator de teatro e passou a integrar diversas companhias teatrais que excursionaram o mundo.

*Mário Ferreira dos Santos como o neto (imagem filmada no casarão da Marechal Deodoro)*

<sup>1</sup> lanzacx@gmail.com

Durante estas viagens, Santos conheceu o cinematógrafo Lumière e se apaixonou pela arte cinematográfica. Ele viajou por Portugal, Espanha e Norte da África e profissionaliza-se como ator passando a integrar importantes Companhias Teatrais da época.

Foi justamente em uma destas Companhias Teatrais que Francisco Santos chegou ao Brasil da virada do século XIX para o século XX. Mas em decorrência de um surto de febre amarela em Manaus, parte do elenco veio a falecer. Dos que restaram, alguns retornaram a Portugal e outros seguiram no Brasil.

O que se sabe é que Santos permaneceu no país, atuando na área teatral, vindo a fundar a Companhia Dramática Francisco Santos, aventurando-se por turnês pelo Brasil (CALDAS, 1996, p.23).

A estréia em Pelotas foi no dia 1º de maio de 1909. A Companhia agradou o público pelotense e por esse motivo, Santos foi criando laços com a cidade. Ele era um perfeito “exemplo de gente”. O teatro era sua alma, sua vida, um artista integral: ele produzia, dirigia, atuava, escrevia, criava cenários e efeitos especiais, adaptava textos para o palco e, se preciso, até regia uma pequena orquestra. Costumava utilizar recursos inovadores, produzindo um “teatro moderno”.

A Companhia Dramática Francisco Santos fixou-se em Pelotas, colocando um ponto final a quase uma década de viagens pelo Brasil. Durante essa segunda turnê pelo Sul, Santos já planejava concretizar a criação de uma produtora de filmes, aproveitando a estrutura da Companhia e seu elenco. Tal feito pode ter sido a idealização de um sonho antigo de ser cineasta. No entanto, o cinema, naquela época era uma ótima atividade comercial, e uma ameaça aos artistas de palco. A verdadeira motivação na criação da Fábrica de Filmes Guarany não é exata, mas o certo é que Francisco Santos foi o pioneiro fora do eixo Rio-São Paulo a aventurar-se com a produção cinematográfica. Os jornais noticiavam:

Bagé – O empresário teatral Francisco Santos, vai estabelecer neste estado, com a denominação de Guarany, uma fábrica de fitas cinematográficas. Segundo anúncios dizem, já foram

encomendados os aparelhos necessários. (Correio do Povo, 20 de setembro de 1912).

O português instalou a produtora em uma casa na Rua Marechal Deodoro, nº 459. O objetivo inicial era produzir os “reclames” (filmes publicitários) e ao longo do tempo começaria a investir em projetos mais ousados.

A fábrica de filmes iniciou sua atividade cinematográfica com a produção de três curtas que pouco tinham a ver com o propósito da empresa, produzidos para complementar a programação do Ponto Chic. Santos, então, encerrou as atividades da Companhia Teatral para concentrar sua produção nas atividades cinematográficas. Nos planos iniciais estavam as filmagens do carnaval pelotense e das homenagens a Carlos Barbosa, presidente do Estado, em Jaguarão. A fábrica ainda não tinha todo material necessário para fazer seus filmes por ainda não saber ao certo o retorno financeiro que os filmes trariam.

Sabe-se que para fundar a Guarany, Santos contou com colaboração do amigo Francisco Vieira Xavier e do pelotense José Brizolara da Silva, que trabalhava como operador cinematográfico da empresa Ideal Concerto, proprietária do Cine Ponto Chic. Santos filmou cine-jornais, os quais complementavam a programação dos cinemas, das festas da capital de grande importância cultural e política, os desfiles carnavalescos do Clube Brilhante.

Neste período, Francisco Santos começa a mostrar seu lado proativo na produção audiovisual. Sua fábrica de filmes surpreendia pela agilidade em registrar um acontecimento e logo exibir o filme, como por exemplo, a cobertura dos jogos de futebol que eram gravados a tarde e exibidos ao grande público na noite do mesmo dia.

Apesar de todo reconhecimento do público à Guarany Filmes, Santos queria fazer mais do que trabalhos de cobertura de eventos sociais, políticos e esportivos. Tem-se registros de que ele pensou em filmar a obra de seu padrinho Castelo Branco, mas por motivos ignorados, esses projetos foram esquecidos. O objetivo do produtor era filmar temas mais simples, sem riscos. Divulgou na imprensa um concurso oferecendo prêmio àquele que apresentasse uma boa

idéia para a realização de filmes. No entanto não se tem notícia se alguém recebeu o referido prêmio.

De acordo com informações divulgadas pela imprensa, Santos apresentaria duas fitas de produções artísticas na tela do Ponto Chic, em 1913: *O Beijo* e *Os Óculos do Vovô*.

O filme *Os óculos do Vovô* foi a primeira produção lançada pela Guarany Filmes. O filme narra as peripécias de um menino travesso que pinta de preto os óculos do avô, enquanto dormia. Ao acordar e, acreditando-se cego, o avô tem um grande susto e provoca uma série de fatos engraçados. Nesta produção, Santos mostrou-se um artista completo, proativo, comprometido com seus projetos:

Santos dirigiu, escreveu o roteiro e interpretou o avô atrapalhado. No papel do garoto estava seu filho Mário, de 6 anos. Graziella e Jorge Diniz interpretavam os pais, enquanto Oscar Araújo era o doutor. Francisco Xavier participou como operador de câmera. (CALDAS, 1996, p.54).

Francisco Santos produziu também o filme *O Marido Fera*. A produção abordou um caso policial ocorrido na cidade de Bagé, em 1913. A história girava em torno da desconfiança do marido de que a esposa lhe traía. Então esse estancieiro resolveu prendê-la em uma espécie de chiqueiro. Uma denúncia de populares levou a polícia, em 6 de outubro, ao local do cativo. A pobre mulher vivia há quatro anos, acorrentada e no meio da lama, num cubículo coberto de capim, com dois palmos de comprimento por seis e meio de altura. O acontecimento movimentou a opinião pública e esse foi o agente motivador para os sócios Francisco Santos e Vieira Xavier acompanhar o caso e registrar todos os momentos: a reconstituição, a prisão e a agitação popular. Santos sabia que o material era valioso naquele momento e já no retorno à Pelotas, dentro de um trem, montou o filme com as imagens capturadas e chegou à cidade com o filme pronto para ser exibido. A produção foi um sucesso de bilheteria em Pelotas, Bagé e região. Para Pfeil:

Foi um filme de méritos, demonstrando sensibilidade jornalística, dentro da escola realista, numa época em que o cinema era pouco

conhecido tecnicamente, pois dependia da prática e da pesquisa. (Correio do Povo, 17 de março de 1974).

Além do *Marido Fera*, um outro fato policial veio a se tornar a temática de filme para Francisco Santos: *O Crime dos Banhados*. A produção relata a morte de uma família inteira, assassinada, barbaramente, na Fazenda Passo da Estiva, no 5º Distrito do município de Rio Grande, ocorrido em abril de 1912. O massacre causou forte impacto na opinião pública do Sul, merecendo uma atenção especial da imprensa. O inquérito policial prolongou-se por mais de um ano, apontando três jagunços responsáveis pelo crime. A causa, não se sabe ao certo, é provável que uma disputa de terras tenha sido o motivo desse bárbaro assassinato. Santos sabia que casos policiais lhe rendiam altas cifras, por agradar a opinião pública.

As filmagens iniciaram em dezembro, e mais uma vez Francisco Santos atuou em várias frentes: dirigiu, atuou em um dos principais papéis e operou a câmera eventualmente. O filme foi exibido em uma segunda-feira, 25 de fevereiro de 1914, no Coliseu Pelotense.

*O Crime dos Banhados* foi o primeiro longa-metragem da Guarany Filmes e superou todas as expectativas de bilheteria. Talvez tamanha satisfação do público deva-se ao de ali estarem representadas situações de pessoas de renome na cena política e social.

Para Alex Viany: “Francisco Santos se não é o precursor do Realismo no Brasil, deve repartir título com os irmãos Botelho, pois também usou o local do crime como cenário de seu filme.” (VIANY, 1959, p.72).

Mesmo com toda bilheteria arrecadada com o único longa-metragem da Guarany Filmes, Santos encerrou suas atividades cinematográficas. Os motivos são incertos, mas acredita-se que a importação do material de filmagem tenha sido dificultada pelo início da Primeira Guerra Mundial. Além disso, Pedro Caldas acredita que Santos tinha uma característica centralizadora de administrar todas as funções, e todo este empenho em tomar conta de cinema, teatro e estúdio possa ter atrapalhado o andamento das atividades.

Santos começa a demonstrar seu lado empreendedor quando resolve ter um espaço próprio para apresentações de seus projetos, pois até

então a Guarany Filmes não tinha sala de exibição. Ele começou arrendando o Coliseu de Pelotas. Assim, ele teria onde exibir seus filmes, e ainda, cuidar da bilheteria. Possibilitou, também, que os espetáculos teatrais preenchessem a programação do cinema. Com isso, a atividade teatral ficou mais intensa.

Com o encerramento das atividades da Guarany Filmes, Santos teve de investir no mercado de tipografia para quitar suas dívidas com fornecedores, pagamentos de artistas. O português seguia gerenciando o Coliseu, e possuía a tipografia Guarany, fundada em 1º de fevereiro de 1913, que na verdade, era utilizada mais para a divulgação do Coliseu e da Guarany Filmes.

Mais tarde, a então chamada Tipografia e Litografia Guarany ampliou sua estrutura adquirindo a gráfica da empresa Chapon & Cia, fundada em 1880 e localizada na Rua Gonçalves Chaves, 821. No local, Santos instalou uma filial e sua residência. A Guarany, também, teve participação no ramo editorial, como difusora de autores e obras de inquestionável qualidade. Na década de 30, a empresa foi adquirida pela Livraria do Globo, que incorporou os equipamentos mais modernos e vendeu o restante como sucata.

Durante a Primeira Guerra, entre 1914 e 1918, os americanos industrializavam o cinema e consolidavam sua hegemonia mundial na produção de filmes. O mercado exibidor também procurou atender à nova demanda, com salas mais desenvolvidas. Em Pelotas, os teatros eram adaptados pra exibir filmes, então não acompanharam tal desenvolvimento. Mesmo assim, para superar o fim da Guarany Filmes, Santos, juntamente com seu sócio Vieira Xavier, decidiram arrendar o Teatro Sete de Abril. Mas este espaço não era ainda, o ideal para as atividades de Santos. Foi então, que os sócios decidiram construir um teatro próprio, de acordo com as suas necessidades. Buscaram um sócio investidor, o espanhol Rosauo Zambrano, e construíram o Teatro Guarany. A repercussão do teatro é incontestável. Seu aspecto monumental colocava-o entre os maiores e mais confortáveis do país.

Antes mesmo de completar um ano de teatro, a parceria entre Santos e Zambrano foi desfeita por uma série de desentendimentos. Mas os sócios não se deram por vencidos e locaram o Teatro Sete de Abril

novamente. Obtiveram fitas de sucesso com Francisco Serrador e conseguiram manter um bom público mesmo com a nova concorrência do Teatro Guarany. Santos tomou conta de outros Teatros, e com o bom andamento dos negócios, fixou residência com sua esposa em Bagé, onde veio a falecer aos 56 anos de idade.

## SANTOS: UM ARTISTA COMPLETO

Depois de conhecer a trajetória profissional de Francisco Santos fica claro o seu perfil pró-ativo, atuante em vários segmentos de atividades culturais e responsável por diversas funções dentro de cada projeto. Ele foi um homem visionário, empreendedor, caminhando sempre à frente para manter seus negócios sadios. O produtor soube “farejar” boas histórias, aproveitar momentos da agitação popular em torno de um acontecimento para lançar seu filme que cobria tal fato.

Quando o momento para o cinema não estava favorável, investiu em tipografias, que além de salvar suas contas, produzia o material de divulgação dos seus projetos. Aproveitada cada instante da presença do público dentro dos seus Teatros, exibindo a cobertura de eventos sociais, carnavalescos, além dos reclames que preenchiam a programação. Exibiu suas obras em vários locais na cidade e cativava o público pela agilidade e qualidade dos filmes.

Como se explica que aqui, numa cidade interiorana de um estado sem tradição cinematográfica, pudesse ter surgido quase como que um surto na criação de filmes? Pelotas nunca mais conheceu trabalho semelhante na produção do cinema. Nos anos 20 volta-se a produzir com certa intensidade no centro do país, enquanto no sul jamais o cinema vai tomar impulso ou repetir a façanha de Francisco Santos. (CUNHA, João Manuel dos Santos. Diário Popular, 16 de setembro de 1984).

Roteirizava, dirigia, operava a câmera, atuava, montava e ainda decidia a melhor estratégia para lançar seus filmes, sem perder a qualidade técnica, reconhecida e comentada pela imprensa.

Foi ousado ao construir o monumental Teatro Guarany. Acreditou no potencial. Certamente teria sido responsável por momentos memoráveis no local caso tivesse seguido como sócio proprietário.

Sem dúvida sua trajetória é admirável e foi um marco no cenário cultural de Pelotas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDAS, Pedro Henrique; SANTOS, Yolanda Lhullie dos.

**Francisco Santos**: pioneiro no Cinema do Brasil. Gramado, Edições Semeador, 1995/1996.

CORREIO DO POVO. 30 de Julho de 1908.

\_\_\_\_\_. 20 de Setembro de 1912.

\_\_\_\_\_. 17 de Março de 1974

DIARIO POPULAR. 16 de setembro de 1984

LANGIE, Cíntia. “Distribuição de curtas universitários: pró-atividade e continuidade de produção”. **Orson**, revista acadêmica dos Cursos de Cinema da Universidade Federal de Pelotas, v. 01, 2011. Disponível em: [http://orson.ufpel.edu.br/content/02/artigos/primeiro\\_olhar02/langie.pdf](http://orson.ufpel.edu.br/content/02/artigos/primeiro_olhar02/langie.pdf) . Acesso em: 30 mai 2013.

PFEIL, Antonio Jesus. “Ranchinho do Sertão: uma data significativa.”. **Revista VOX XXI**, Porto Alegre, Corag, p. 43, Abril de 2002.

REVISTA CINEARTE. Rio de Janeiro, nº. 472, 1º de Outubro de 1937.